

Pequeno diário  
de bordo da volta ao mundo



# Pequeno diário de bordo da volta ao mundo



María José Ferrada  
Rodrigo Marín

A 20 de setembro de 1519, cinco navios espanhóis e 250 homens, liderados por um marinheiro chamado Fernão de Magalhães, deixaram um porto espanhol.

Assim começou uma viagem que será inesquecível para o mundo inteiro. Porque nessa altura o mundo era um verdadeiro mistério.

O que estaria do outro lado do mar? Flores desconhecidas? Animais maravilhosos? Homens e mulheres?

Espanha e Portugal, conhecidos como os grandes navegadores do seu tempo, puseram imediatamente mãos (ou devo dizer "remos"?) à obra.

Então, Fernão de Magalhães e os seus marinheiros partiram em busca de um caminho, pelo Sul, para chegar às Ilhas Molucas. Ali, ouviram dizer, havia tesouros tão valiosos como ouro, cravinho, gengibre, pimenta, canela e noz-moscada.



Não o sabiam, mas seriam os primeiros a dar a volta ao mundo e a constatar que a Terra era uma esfera redonda.

Chegados a este ponto, podem perguntar-se como é que eu sei tudo isto.

Responderei dizendo que muito foi dito sobre os humanos que fizeram esta viagem, mas pouco sobre os ratos que, cheios de curiosidade, também nela embarcaram. O meu tetra-tetra-tetra-tetra-tetra-avô foi um deles.

E hoje partilho convosco o Pequeno diário de bordo da volta ao mundo, escrito pela sua própria pata e com a sua própria letra, que espero que os leitores desfrutem, independentemente da espécie a que pertençam.



*O rato*

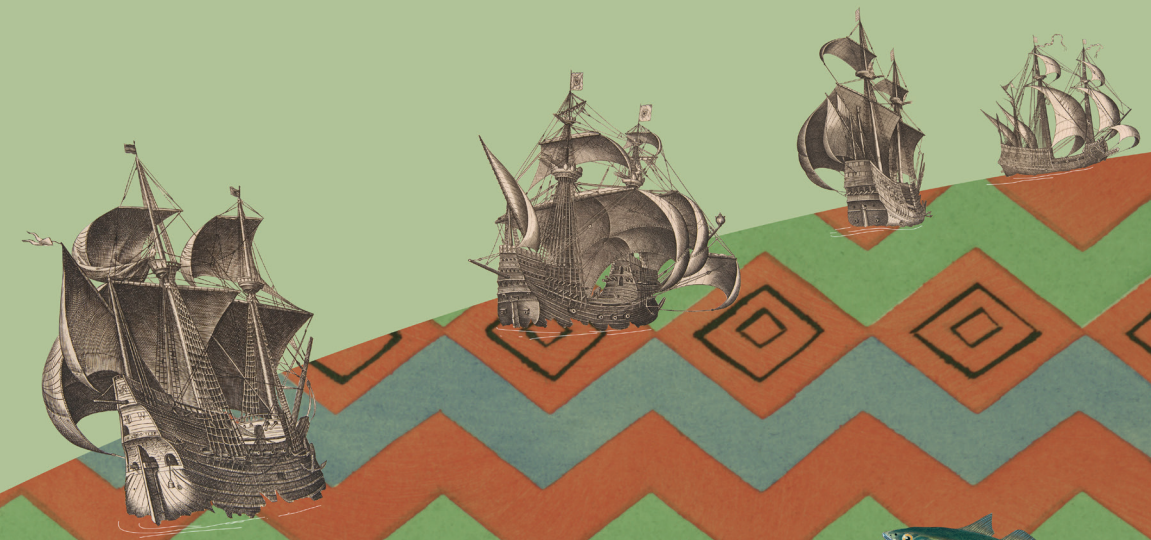


Sacos de farinha, arroz, açúcar, leguminosas, marmelos. E o mais importante: queijo.

Conseguem imaginar quanta comida é necessária para esta viagem? Muita. Ou melhor: muitíssima.

Também levamos tecidos, colares, pulseiras e espelhos que trocaremos com os habitantes das terras que pretendemos alcançar.

Realizamos a nossa expedição em nome do Rei de Espanha, que nos deu o seu apoio.



Os preparativos para a viagem não demoraram menos de um ano e meio.

Finalmente, a 20 de setembro de 1519, cinco navios, duzentos e cinquenta homens e trinta e sete ratos iniciaram a viagem.

A verdade é que não é assim tão fácil compreender os seres humanos: apenas homens e ratos masculinos foram autorizados a participar nela.



Fazemos uma primeira paragem nas Ilhas Canárias, onde encontramos uma ilha onde nunca chove. Em vez disso, existe uma árvore envolta em névoa densa, da qual brota água. Observam seres humanos e os animais bebem.

Não sei quanto a vocês, mas até este momento nunca tinha ouvido falar de uma árvore de água. E pergunto-me se haverá árvores que brotam flores de fogo, se haverá árvores com flores de vento.

Dizem que os marinheiros procuram um tesouro, mas penso que o que realmente querem é saber se existem as árvores, os animais e as línguas que imaginam nos seus sonhos.

Continuamos a viagem ao longo da costa de África. Ao longe, vemos alguns peixes grandes com filas de dentes terríveis, chamados tubarões.

E muitos peixes voadores que nos fazem confundir o céu com o mar.







Chegamos a um lugar chamado Brasil.

Estou impressionado com os homens e mulheres que habitam estas terras. A bela cor da sua pele faz-me lembrar as azeitonas.

As mulheres são fortes e capazes de carregar grandes cestos sobre as suas cabeças. Os homens, por outro lado, carregam armas e ornamentos que estão embutidos nos seus lábios. Ouvimos dizer que eles vivem entre 120 e 140 anos.

Os seus barcos são muito interessantes: troncos escavados que navegam com a ajuda de paus. Ao navegar neles, sentirão que estão a atravessar uma floresta e o mar ao mesmo tempo?

Embora falem línguas diferentes, os marinheiros conseguem comunicar com eles e fazer trocas. Por uma faca recebem seis galinhas, por um pente dois gansos e por um espelho nada menos que um cesto cheio de peixe.

Precisamente quando me pergunto se poderia trocar o meu chapéu por algum ananás - não é verdade isso de os ratos só gostarem de queijo - ouço-os chamar para embarcarmos.

Seguimos viagem.



À medida que avançamos, o vento torna-se mais frio e o mar parece mais perigoso. Talvez seja por isso que alguns marinheiros querem regressar a Espanha, sem a permissão do capitão. Isto no mar é chamado "motim" e é quase tão temido como a palavra "tempestade".

Durante seis meses ficámos num porto a que demos o nome de "São Julião", onde colocámos uma cruz no topo da colina mais alta.

Há homens e mulheres que habitam este lugar frio. Os "patagónios" - é assim que lhes chamamos, impressionados pelo seu tamanho - usam a cara pintada e os trajes de pele de um animal chamado guanaco com a qual também fazem os seus sapatos.

★ As mulheres são muito fortes e encarregam-se da caça.



À noite, o vento sopra e eu adormeço a pensar que o mundo é um lugar muito maior do que a minha mente de rato poderia ter imaginado.

Nos meus sonhos pergunto-me: Posso comprar um daqueles sapatos de couro e usá-lo como cama?

Deve ser porque, mesmo durante o sono, está frio...



Há algo que todos os marinheiros - humanos ou ratos - conhecem muito bem: o mar é um caminho que pode ser perigoso.

O nosso navio mais pequeno encalha. Isto significa que fica preso entre as rochas e o gelo, incapaz de se mover. Os membros da tripulação sobrevivem ao frio colocando gordura de lobo nos seus corpos, como se fosse um casaco.



Levamos três meses a salvá-los, mas o navio não sobrevive.

Um, dois, três, quatro...

De agora em diante só temos quatro barcos para continuar com a nossa expedição.

Avançamos e vemos que em terra há fogos que brilham como pequenas estrelas, por isso chamamos a este lugar: a terra dos fogos.

Há aqui alguns pássaros que não voam, chamados pinguins, que parecem estar vestidos com um traje elegante. Irão a uma festa de aniversário?

Há também leões marinhos, ainda maiores e mais ferozes do que os que estão em terra.





Viva! Viva! Viva! Viva!

Os seres humanos e os ratos celebram.

Ao longe, após um ano de viagem, encontramos a passagem que nos permitirá alcançar as ilhas sonhadas.

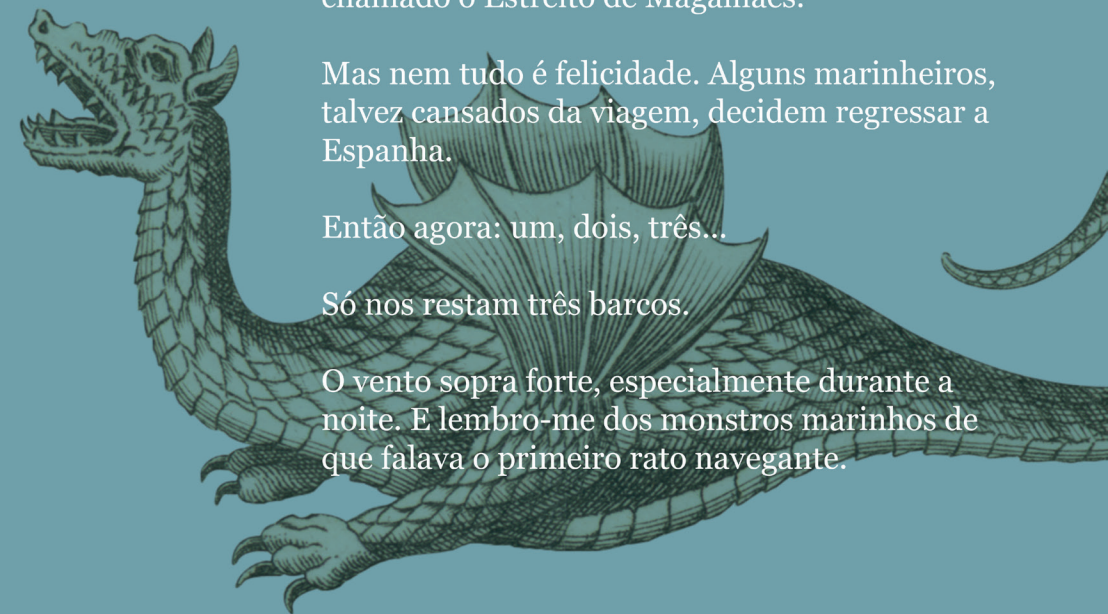
A 1 de novembro de 1520, tendo reconhecido a área, navegamos através do Canal de Todos os Santos, o nome que lhe demos em honra da festa religiosa celebrada nesse dia. Com o passar do tempo e em honra do capitão, será chamado o Estreito de Magalhães.

Mas nem tudo é felicidade. Alguns marinheiros, talvez cansados da viagem, decidem regressar a Espanha.

Então agora: um, dois, três...

Só nos restam três barcos.

O vento sopra forte, especialmente durante a noite. E lembro-me dos monstros marinhos de que falava o primeiro rato navegante.









Terra à vista!

Um grupo de habitantes locais apodera-se de um dos nossos pequenos barcos, por isso chamamos ao lugar "Ilha dos Ladrões".

As ilhas aqui à volta encantam o nosso capitão, especialmente uma, onde os governantes nos recebem com presentes: peixe e vinho de palmeira.

Avançando pelo mar, como se fosse uma estrada de água, deparamo-nos com as ilhas Filipinas.

Este é o episódio mais triste da nossa viagem. Os habitantes do lugar discutem com os marinheiros e não conseguem compreender-se uns aos outros. Finalmente entram em confronto e o capitão, Fernão de Magalhães, morre juntamente com outros membros da tripulação.

O mar parece-nos agora um lugar tão imenso como triste. Ali vertemos as nossas lágrimas.


Somos cada vez menos e decidimos queimar um dos navios, para tornar a viagem de regresso mais fácil.

Um, dois...

Apenas dois navios seguem caminho.







Continuamos a navegar até que, à distância, vemos algumas ilhas.

As Molucas!

Não podemos deixar de sentir uma mistura de alegria e tristeza. Chegámos finalmente ao nosso destino. Mas são muitos os que não sobreviveram à viagem. Entre eles, o capitão...

As ilhas são exatamente como ele as tinha sonhado: belas e ricas em cravinho, gengibre, pimenta, canela e noz-moscada.

Carregamos os nossos barcos com especiarias e partimos na viagem de regresso.

Cada barco seguirá um caminho diferente.

Um irá pela rota dos oceanos Índico e Atlântico. Onde quer que vá, deixará um rasto de canela que os peixes adoram.

O segundo barco regressa através do Oceano Pacífico, mas não chega ao seu destino.







ORGANIZAÇÃO DE ESTADOS IBERO-AMERICANOS  
PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (OEI)

© Instituto Ibero-americano de Primeira Infância (IPII)  
Escritório no Chile, Santiago 2020  
ISBN: 978-956-8624-14-9

Secretário-Geral da OEI  
Mariano Jabonero

Diretora OEI Chile  
Mónica Gomariz

Coordenadora de Projeto  
Gabriela Sánchez

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO CHILE

Ministro da Educação  
Raúl Figueroa Salas

Subsecretária da Educação Pré-Escolar  
Maria Jesús Honorato

Chefe do Gabinete de Relações Internacionais  
Enrique Laval Zaldivar

Coordenadoras MINEDUC  
Marcela Miranda e Claudia Téllez Marín

Esta publicação é uma contribuição da OEI para o debate e a divulgação de ideias. Permite-se copiar, utilizar e reproduzir parcialmente esta obra, desde que a fonte seja devidamente citada e que não seja utilizada para fins comerciais sem autorização prévia da OEI.



## Saudações

O interesse pela leitura começa nos primeiros anos de vida. Sabemos que uma forma de estimular o gosto pelos livros nos meninos e nas meninas é lendo-lhes desde muito pequenos: dando-lhes a oportunidade de explorar contos, revistas e banda desenhada, entre outros textos escritos para a sua idade.

Quando os meninos e as meninas são pequenos, os adultos devem proporcionar oportunidades significativas para estimular mais tarde a aprendizagem e compreensão da palavra escrita. É por isso que queremos partilhar com as famílias este interessante e belo “Pequeno diário de bordo da volta ao mundo”, relato da expedição de Magalhães e Elcano, que nos conta ao longo das suas páginas os detalhes da viagem pelo planeta que tornou possível saber que a Terra é redonda.

Queremos que, ao ler e passar por este livro, meninos e meninas e adultas/os viagem juntos através dos detalhes mais surpreendentes de um feito que mudou a história da humanidade para sempre, e junto com ele, naveguem também no maravilhoso mar da leitura...  
Boa viagem!

Mónica Gomáriz  
**Diretora**  
**Escritório da OEI no Chile**



## Convite

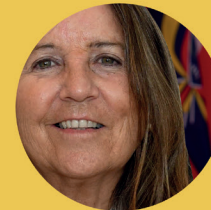
2020 trouxe-nos à memória um dos marcos mais importantes da nossa história: a travessia de Fernão de Magalhães pelo Estreito que hoje tem o seu nome, cujos 500 anos, agora, comemoramos.

A 21 de outubro de 1520, Magalhães chega ao Estreito. Começava assim uma longa viagem à volta do mundo que confirmaria um mistério para a época: que a terra era redonda. Dois anos depois, a expedição regressava a Sevilha, sem Magalhães e com apenas 18 sobreviventes.

500 anos depois, hoje queremos comemorar não só um facto histórico, mas também os valores que o próprio Magalhães deixou nesta viagem e que nos identificam como nação: liderança, empreendedorismo, resiliência, compromisso, ousadia e tenacidade. Todos eles valores que a crónica que aqui é apresentada reúne e procura incutir desde a mais tenra idade.

Escrito pela pata e letra de um ratinho, acompanhado de fantásticas ilustrações, o “Pequeno diário de bordo da volta ao mundo”, é um convite a voltar a realizar a travessia histórica de Magalhães, em família, recuperando os valores que nos formaram e identificam.  
Bem-vindos a esta maravilhosa aventura!

María Jesús Honorato  
**Subsecretaria de Educação**  
**Pré-escolar**  
**Ministério de Educação do Chile**





## Pequeno diário de bordo da volta ao mundo

Texto: María José Ferrada  
Ilustração e desenho: Rodrigo Marín  
Direção editorial: Daniela Correa  
Edição 2020

ISBN 978-956-8624-14-9  
Fotografia página 14: Esteban Gonnet, 1866 (daguerreótipo)  
Biblioteca Pública de Nova Iorque  
@ Organização de Estados Ibero-americanos, OEI  
@ Ministério de Educação do Chile




Texto baseado no relato de  
Antonio Pigafetta, explorador,  
geógrafo e cronista italiano, que  
se juntou à travessia e escreveu  
tudo o que observaram e  
viveram os protagonistas  
desta viagem.

**OEI**



**CHILE LO  
HACEMOS  
TODOS**





Há quinhentos anos um grupo de marinheiros, liderados por Fernão de Magalhães, partiu em busca de um sonho: alcançar as Ilhas Molucas.

Quando regressaram da viagem, o que não foi nada fácil, trouxeram notícias: tinham dado a volta ao mundo. E sabem que mais? O mundo era um lugar redondo, diversificado e maravilhoso.